

**APÊNDICE B – MODELO DE PROJETO DE PESQUISA DO PROFESSOR**

Projeto de Pesquisa (do Professor) Autoria, intertextualidade e retorno do estético no cinema de ficção e documental finissecular e contemporâneo.		FACHA	
Nome do Professor:	Marcelo Augusto Teixeira, José Augusto Neto e Leticia Ramos	Curso:	Cinema
Unidade:	Botafogo	Data:	2021

1. Tema:

A presente linha de iniciação científica investiga o retorno do estético, a revisão da autoria e da intertextualidade como formas do repertório político e criativo na estética do cinema de ficção e documentário finissecular e contemporâneo.

2. Delimitação do Tema:

Como os processos criativos da periodização do cinema hipermoderno mundial ficcional e documental foram reflexivamente interrogados e transformados pela revisão do universo sensorial da imagem e do som, autoria e estética intertextual.

3. Problema

O labor criativo do euromodernismo vivenciou predominantemente a dimensão reflexiva e singular do ato estético. Tal cena reflexiva rompia com as codificações coletivas oriundas da sociedade, que ditavam e estruturavam o caráter dos movimentos da arte hipermoderna. Este salto de autonomia no trabalho estético modernista, a conquista deste ser intransitivo da arte acabou por propiciar pelo menos dois graves universos de demarcação sobre a autoria artística: a hipertrofia da subjetividade em algumas produções do modernismo formalista parisiense e na valência expressionista alemã e, por outro lado, uma nascente vertente de sensibilidade criadora marcada por padrões que abandonam uma visão primordialmente subjetiva e existencial do jogo estético. Iniciava-se uma tradição de afastamento de metáforas humanas e do cindido sofrimento da consciência romântica na criação estética que iria construir o humor seco e sintático das máquinas solteiras de Marcel Duchamp. Na literatura, o desapego da grafia do ser do autor iniciara sua marcha na visionária poesia de Mallarmé e havia se instalado, posteriormente, no ruinoso e carcomido cenário de Samuel Beckett. No drama *Pas mois*, o dramaturgo irlandês apresenta uma obsessiva e envelhecida voz feminina que não pára de se justificar, ao lado de uma simiesca sombra: *Ela e não eu*.





Ela, o pronome da crítica,

mortificação; eu a cena pronominal da chave do imaginário: como diria o próprio Samuel Beckett, a criação artística passava a sepultar a importância de quem fala.

Na década de sessenta, Michel Foucault, amparado pela crise do sujeito humanista, ditada pela grade do Estruturalismo, apresentava a literatura moderna segundo a égide da primazia do anonimato: o fracasso de uma visão autoral tradicionalista. Na palestra *O que é um autor*, o pensador francês abordava a literatura atingindo o parentesco entre escrita e morte. Na primeira parte de sua explanação, lembrava-se da ancestral união entre fabulação, escrita e adiamento da morte. Neste contexto, o operoso fazer da narração constituía-se em uma quebra, em uma consciente fuga do circuito mortal. Calada a voz do narrador, a teia de mortalidade do sujeito iniciava seus trabalhos. Desde o final do séc. XIX, as fissuras da cultura modernista alteravam o índice do encontro entre sujeito estético, escrita e morte. O autor de *As palavras e as coisas* reconsiderava o gesto da escrita, na modernidade, percebendo uma nova cena, onde o ato de escrever assume o caráter de auto-sacrifício, um chamado de assassinato/suicídio. Os antigos signos da existência confessa do autor, que encharcavam a distintas estratégias estéticas do Romantismo e Decadentismo, evaporavam da literatura contemporânea e moderna, como em um tanque ao sol. O crivo da autoria, em muitos exemplos da literatura hodierna, a partir das análises da professora da universidade de Toronto, Linda Hutcheon, estaria indicado em um espaço de tensão com o universo imaginário conservador sobre a possibilidade de posse de um texto.

Um dos mais francos regimes autorais contemporâneos esboça-se na singularidade de um lugar obstruído, esfacelada pela noção de identidade profissional, gênero, etnia ou, simplesmente, deixado lacunado, vazio. Em uma paisagem histórica semelhante a de Foucault, Julia Kristeva, estendia a noção de dialogismo e polifonia do círculo crítico do marxista Bakhtin, demonstrando formalmente a pluralidade da trama textual. Atualmente, depois de todo um cenário eurocêntrico, Robert Stam observa as dicções identitárias e autorais depois do desmanche dos antigos pactos colônias de poder da escritura e da *locus* da autoridade do autor. Stam mapeou desde a publicação *Espectáculo Interrompido* um estatuto de reflexividade terceiro mundista, como vemos em Glauber, e uma subversão carnavalesca que pode ser vista em Sganzerla e Raul Ruiz. A aceitação desta multiplicidade de vozes, já presente em Shakespeare e Goethe, contudo, reconduzida pela modernidade e pós-modernidade, cremava e atacava o registro de um sujeito fundamentador. A canibalização de referências da intertextualidade e o circuito de citações das obras artísticas pós-modernas tencionam a ruptura de uma visão fechada da presença autoral e das marcações subjetivas do trabalho estético, posterior aderrocada do projeto modernista de uma criação associada a índices de auto - expressão.

Os diferentes patamares operatórios da intertextualidade serão investigados, neste projeto, tanto na cena moderna como no complexo horizonte da atualidade. No modernismo, a intertextualidade será reconhecida como fenômeno de cultura, apto a urdir um campo de





relações com o passado textual do ocidente, e arдил estrutura paródico na Modernidade e Vanguarda. No florescer da literatura moderna, a intertextualidade pode ser encontrada em sua ridente versão parodística. Um relevante mecanismo de autorreferencialidade do discurso consciente da criação estética. O arsenal da paródia trilhava o campo de forças da dialogicidade, destinado a marcar relações semânticas e formais com os monumentos literários e estéticos do passado e com o emergente cenáriocriativo modernista. A mordente segunda voz da citação burlesca modernista, a desarticular e corroer a potência estrutural e ideológica de uma peça matriz, cede lugar, na pós-modernidade, a um contorno parodístico de homenagem-oblíqua, que se dispõe a uma recodificação distanciada, ainda marcada por uma possível visagem irônica, contudo, descrente de seu possível poder destrutivo diante do original. Desta maneira, a intertextualidade hodierna tem deitado raízes em romances como *The White Hotel*, filmes como *IN the mood for love* (Wong Kar-Wai, 2000), *Prosperos'books* (Peter Greenaway, 1991), *The Last of England* (Derek Jarman, 1988), *Madame Satã* (Karin Aïnouz, 2002), *Santiago* (João Moreira Salles, 2006), *O Olmo e a Gaiivota* (Petra Costa, 2014) e produções de artistas visuais como as de Cindy Sherman, Matthew Barney e Anselm Kiefer.

A partir do amplo campo da estética de citação hodierna, Fredric Jameson, sobrevivente dos expurgos políticos da academia norte-americana, passou a sustentar, durante a década de oitenta, uma teoria instigante sobre um novo regime de subjetividade, na arte do capitalismo tardio. Tal desenvolvimento conceitual pagava tributo à produção intelectual de Jacques Lacan sobre esquizofrenia. No circuito artístico recente, além da quebra de uma situação contemplativa, o objeto estético, por vezes, busca fender os limites que o separam do mundo e dissipar-se na banalidade cotidiana. Para o líder na queda da discussão crítica da teoria do contemporâneo, acompanha-se no lastro da arte hodierna o achatamento e repúdio a marcações de uma subjetividade ferida a procura de compensação reconstrutora. A pós-modernidade esfolaria a pele do jogo expressivo, promovendo algo próximo a uma ossificação afetiva.

Desde a modernidade, o contexto da ficção da uniformidade do sujeito da tradição humanista vem sendo atacado e subvertido no campo da crítica e trabalho estético. Sigmund Freud, em sua inicial orquestração de embasamento científico da nascente prática psicanalítica, começou a sepultar em seus esforços teóricos, antigas categorias críticas de observação subjetiva ao configurar um modelo de sujeito dividido, dividido em consciente, inconsciente e em suas qualidades de discurso: latente e manifesto. Para Freud a existência humana era estética, eco de mitos, imagens barrocas, sonhos e operações sensíveis de origem corporal. O francês Lacan, admirador de Jean Genet e James Joyce, estende o universo freudiano para uma operação intrincada de análise, que observa, em sua fusão entre modelo psicanalítico freudiano e a malha estruturalista, uma visão processual do sujeito.

Esta visão processual do sujeito acabou por amparar um manancial de relatos estéticos onde a presença do artista passa a ser articulada por voláteis matrizes como identidade sexual, origem étnica e grupo social de origem. Desenhava-se a escalada daquilo que no universo





crítico norte-americano chamou-se a eclosão da *cultura da identidade*. O esforço de Silviano Santiago em obras como *Cosmopolitismo de Pobre* ou *Nas Malhas Das Letras*, de Robert Stam desde o inaugural *O Espetáculo Interrompido* até a *Crítica da Imagem Eurocêntrica*, a canadense Linda Hutcheon com o basilar a *Poética do Pós-modernismo* e Susan Broadhurst em *Liminal Acts* têm acompanhado os novos e ambíguos horizontes dessas múltiplas formas de subjetividade, identidade e subjetivações nas mais diversas obras de arte ligadas à metaficção contemporânea, em sua semiose e ressonâncias na ordem de poder.

Diante deste cenário de reconsideração do sujeito estético e de sua virtuais narrativas e pactos simbólicos com a sociedade, o cinema ocupa um interessante papel. A autoria transformou-se na pedra fundamental de análise crítica cinematográfica. Sua constituição, na década de cinquenta na França, ocupava o espaço de uma matriz operatória que libertava o exercício crítico do diletantismo impressionista. A precisão poética da autoria cinematográfica surgia em um momento que a defesa autoral poderia ser vista como um feito romântico ou profundamente conservador e positivista. Todavia, a autoria fílmica nascia como um elemento, uma ficção de compensação organizadora de um caráter de legitimidade intelectual para a sétima arte. Nesse trabalho, a cifra do retorno do estético tende a ser observado por olhar de Fredric Jameson sobre o novo regime da imagem e som no cinema do final do século XX, envolvendo nomes como russo Andrei Tarkovski, o cineasta chileno, já falecido, Raul Ruiz, inglês Derek Jarman, Claudio Assis, João Moreira Salles e Petra Costa.

Na atual investigação, o interesse de Wolfgang Iser pelo ressurgimento da Estética marca esse trabalho quando o decano da Teoria da recepção comenta o papel do retorno do estético ao lado da política e da ideologia como elemento capaz de abraçar o estado amorfo do mundo atual e traduzindo tal vacância em uma ordenação de signos abertos, contudo legíveis.

O presente projeto busca identificar a condição da especulação atual sobre autoria no cinema hodierno a partir da intertextualidade e dos diferentes regimes de emblematizações subjetivas em algumas distintas linhagens de produção do cinema contemporâneo de forte esteticismo em que a delirante curvatura da imagem e do som assiste as fissuras do capital e da reificação do imaginário, vida e objeto estético.

4. Objetivos : Como objetivos específicos, esta pesquisa realizará uma análise da obra de alguns realizadores do cinema ficcional e documental finissecular e contemporâneo. Buscando apresentar tal cinematografia como súmula poética da natureza intertextual da criação artística e autoria da atualidade, capaz de transformar a criação estética em contradição em relação à valências brutais do capitalismo tardio. A visão processual do sujeito estético, marcante nesta produção fílmica, será investigada como matriz de uma nova subjetividade do fazer artístico. Finalmente, o retorno do estético presente na dicção de diversos realizadores cinematográficos será discutida em seus pontos referenciais comumente em suas singularidades como expressão de formas estéticas que sublinham a cegueira teórica e de experiência dos centros avançados que governam os programas de globalização normativa e a crise de ideias e formas do neoliberalismo do capital atual.





5. Justificativa

A presente pesquisa compreende a necessidade de relacionar processos criativos e de subjetivação na escritura documental e ficcional com a macroestrutura social e política. Tal desenho de análise tende a ocorrer a partir da demarcação da importância das leituras de tais regimes criativos segundo uma compreensão de sua relação com as dimensões estruturais do capitalismo no final do século XX e alvorecer do século XXI, nos grandes centros mundiais e periferia.

6. Metodologia:

Em primeiro lugar, apresentaremos uma cena moderna dividida entre a manutenção de uma fantasia subjetiva e existencial, gravemente apreendida pelo *socius* desde o Romantismo e um novo acento de conduta no trabalho estético, onde as marcações subjetivas e crivo autoral perdem o primeiro plano da criação. Neste primeiro movimento, a poética intertextual modernista será revista através da produção artística crítica de T. S. Eliot e de sua concepção da poesia como fenômeno de cultura. O primeiro campo de investigação da pesquisa seguirá as análises conceituais de José Guilherme Merquior, Octavio Paz, Theodor Adorno, Sigmund Freud, Maurice Blanchot, Giulio Carlo Argan, Mikhail Bakhtin e Terry Eagleton. Este primeiro campo de investigação envolverá levantamento bibliográfico e esforço de análise de obras literárias e artes plásticas.

A partir destes mapeamentos, o trabalho apresentará a gênese da configuração autoral como principal e primeiro instrumento de percepção crítica e análise fílmica. Esta passagem inscreverá historicamente as opções estéticas descritas na célebre política dos autores do *Cahiers du Cinéma*. Para tanto, o mito da crítica cinematográfica internacional, André Bazin, será empregado juntamente do norte-americano Andrew Sarris e as considerações do professor belga, radicado no Brasil, Jean Claude Bernadet. Neste momento da pesquisa, serão observados textos históricos da crítica cinematográfica e filmes especificamente marcantes para a discussão.

Em um segundo momento, a palestra *O que é um autor?* proferida em 1969 por Michel Foucault e as inquietas especulações de Roland Barthes serão apresentadas como matrizes de desarticulação das tradicionais categorias de análise crítica que sustentavam uma abordagem petrificada sobre autores e obras.

Finalmente, este trabalho discutirá os modelos de subjetividade, intertextualidade e autoria no escolhido recorte do cinema contemporâneo. Tais modelos serão observados segundo a luz das tensões e confluências do alto modernismo e do resgate quase barroco das múltiplas cenografias de conceitos e impasses do pós-modernismo. Para tal desenvolvimento, encontraremos os esforços de percepção de Fredric Jameson sobre a política dos autores, as transformações de subjetividade na atividade estética atual e a noção de retorno ao estético da imagem pós-moderna no cinema da década de oitenta. A produção teórica de Linda Hutcheon e de Antoine Compagnon insinuarão caminhos de entendimento e reencontro da





intertextualidade e das mutações da grafia do sujeito na artheadia. Os horizontes de condução das manobras autorais dos três realizadores serão interrogadas segundo o premissa de um retorno do estético calcada em realinhamento daestética da textualidade atual que sepulta o funeral de citações e chorume repertorial de vertentes artísticas associadas a reificação da propaganda, como, também, o modelar ecletismo permissivo do ideário transvargarda italiana ou reedição da estética da escassezno dogma 95. A última etapa da pesquisa, envolverá investigações à escritura final do texto com análise e comparação de títulos dos criadores elencados. Essa pesquisa pode originar diversos formas de cursos e material de amparo para a grade curricular.

7. Resumo do projeto para internet (Entre 200 e 500 palavras):

Essa proposição de pesquisa de iniciação científica busca observar os diferentes patamares operatórios da intertextualidade no cinema na cena moderna como no complexo horizonte da atualidade. No modernismo, a intertextualidade será reconhecida como fenômeno de cultura, apto a urdir um campo de relações com o passado textual do ocidente, e artil estrutural paródico na Modernidade e Vanguarda. No florescer da literatura moderna, a intertextualidade pode ser encontrada em sua ridente versão parodística. Um relevante mecanismo de autorreferencialidade do discurso consciente da criação estética. O arsenal da paródia trilhava o campo de forças da dialogicidade, destinado a marcar relações semânticas e formais com os monumentos literários estéticos do passado e com o emergente cenário criativo modernista.

A partir do amplo campo da estética de citação intertextual hodierna, Fredric Jameson passou a sustentar, durante a década de oitenta, uma teoria instigante sobre um novo regime de subjetividade na arte do capitalismo tardio. Para o líder ianque da discussão crítica da teoria do contemporâneo, acompanha-se no lastro da arte hodierna o achatamento e repúdio a marcações de uma subjetividade ferida a procura de compensação reconstrutora. A hipermodernidade esfolaria a pele do jogo expressivo, promovendo algo próximo a uma ossificação afetiva.

Novas visões processuais do sujeito acabaram por amparar um manancial de relatos estéticos onde a presença do artista passa a ser articulada por voláteis matrizes como identidade sexual, origem étnica e grupo social de origem. Desenhava-se a escalada daquilo que no universo crítico norte-americano chamou-se a eclosão da cultura da identidade.

Diante deste cenário de reconsideração do sujeito estético e de suas virtuais narrativas e pactos simbólicos com a sociedade, o cinema ocupa um interessante papel. A autoria transformou-se na pedra fundamental de análise crítica cinematográfica. Sua constituição, na década de cinquenta na França, ocupava o espaço de uma matriz operatória que libertava o exercício crítico do diletantismo impressionista. A precisão poética da autoria cinematográfica surgia em um momento que a defesa autoral poderia ser vista como um





feito romântico ou profundamente conservador e positivista. Todavia, a autoria fílmica nascia como um elemento, uma ficção de compensação organizadora de um caráter de legitimidade intelectual para a sétima arte. Nesse trabalho, a cifra do retorno do estético tende a ser observado por olhar de Fredric Jameson sobre o novo regime da imagem e som no cinema do final do século XX, podendo envolver nomes como o russo Andrei Tarkovski, o cineasta chileno, Raul Ruiz , o inglês Derek Jarman e os brasileiros Claudio Assis, João Moreira Salles e Petra Costa.

O presente projeto busca identificar a condição da especulação atual sobre autoria no cinema hodierno a partir da intertextualidade e dos diferentes regimes de emblematizações subjetivas em algumas distintas linhagens de produção do cinema contemporâneo de forte esteticismo em que a delirante curvatura da imagem e do som assiste as fissuras do capital e da reificação do imaginário, vida e objeto estético.

8. Cronograma da Pesquisa

ATIVIDADES	08/20	09/20	10/20	11/20	12/20	01/20	02/20	03/20	04/20	05/20	06/20	07/20	08/20
	18	18	18	18	18	18	19	19	19	19	19	19	19
Levantamento bibliográfico sobre o tema e filmes.	x	x	x	x									
Fichamento e discussão sobre bibliografia e análise de filmes e referências de textualidade.					x	x	x						
Produção de Artigo.								x	x	x	x	x	x





9. Referências

ADORNO, W. Theodor. *Notas sobre a literatura I*, São Paulo, Editora 34, 2012.

AUMONT, Jacques. *A teoria dos cineastas*. Campinas, SP, Papirus,2004.

-----*Moderno?Por que o cinema se tornou a mais singular das artes*.Papirus, 2008.

BAECQUE, Antoine. *Andrei Tarkovski*. Paris, *Cahiers du Cinéma*,1989.

BADELAIRE, Charles. *A modernidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

BADIOU, Alan. *Para uma nova teoria do sujeito*.Rio de Janeiro, Relume Dumará,2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo, Hucitec, 1998

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*.Campinas SP, Papirus,1990.

----- *A troca simbólica e a morte*. São Paulo, Edições Loyola,1996.

----- *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

BAZIN, André. *O cinema ensaios*. São Paulo,Brasiliense,1991.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva,1993.

----- *O rumor da língua*. São Paulo, Brasiliense,1988.

BENJAMIN, Walter .*Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense,2012.

BLANCHOT, Maurice. *Espaço literário*. Rio de Janeiro, Rocco,1987.

----- *A parte do fogo*. Rio de Janeiro,Rocco,1997.

BÜRGER, Peter. *Teoria de Vanguarda*. São Paulo, Cosac Naify,2008.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos táticas de enfrentar a invasão meoliberal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

----- *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil,2007.

CAMARGO, Luiz e BUENO , Maria(org.) *Cultura e consumo /cultura e estilos de vida na contemporaneidade*. São Paulo, Ed. Senac, 2008.

COMPAGNOM, Antoine.*O demônio da teotia*.Belo Horizonte, ed.UFMG, 2001.

----- *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte, Editora UFMG,1999.

CARRIÈRE, Jean Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,1995.

CURTIS,K.Tsui. *Subjective culture and history: the ethnographic cinema of Wong Kar Wai*. *Asian Cinema*, vol7,no21995,pp95-124.





- DANEY, Serge. *A rampa. Cahiers du cinema 1970-1982*. São Paulo, Cosacnaify, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *A Imagem –Tempo*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- LOPES, Denilson & FRANÇA, Andréa. *Cinema, globalização e interculturalidade*. Editora Argos, 2010.
- DUCHAMP, Marcel. *The writings of Marcel Duchamp*. Nova York, Da capo press, 1989.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1998.
- ELIOT, T. S. *Poesia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- *Ensaio*. São Paulo, Art Editora, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa, Passagens, 1993.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- GUIDENS, Anthony. *A transformação da intimidade. Sexualidade, e erotismo nas sociedades modernas*. Editora Unesp, 1993.
- GOROSTIZA, Jorge. *Peter Greenaway*. Madrid, Ediciones, Cátedra, 1995.
- GREENBERG, Clement. *Arte e Cultura*. São Paulo, Ática, 1996.
- HACKER, Jonathan. *Take ten: contemporary british film directors*. Nova York, Oxford University Press, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós - modernidade*. Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2003.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- JAMESON, Fredric. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro, Graal, 1995.
- *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, Ática, 1996.
- *Espaço imagem*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.
- JANVIER, Ludovick. *Beckett*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- LAPLACE, J. e PONTALIS J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- LINS, Consuelo. *Filmar o Real*. Editora Jorge Zahar, 2008.
- *O Documentário de Eduardo Coutinho*. Editora Jorge Zahar, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A tela Global: mídias culturais e cinema na era No coração do mundo*. Rio de Janeiro, Rocco, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- MERQUIOR, José Guilherme. *O fantasma romântico e outros ensaios*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- *O elixir do apocalipse*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.
- MUCCI, Latuf Isaias. *Ruína e simulacro decadentista*. Rio de Janeiro, Tempo





- brasileiro,1990.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*.Papirus,2005.
- OLIVEIRA, Luiz Carlos Jr. *A mise em scène no cinema do clássico ao cinema de fluxo*.Campinas, Editora Papirus,2013.
- PARENTE, André. *Ensaio sobre o cinema de simulacro*. Rio de Janeiro. Editora Pauzulin/UFRJ, 1998.
- PAZ, Octavio. *Convergências*. Rio de Janeiro,Rocco,1991.
- Marcel Duchamp o castelo de pureza*. São Paulo, Perspectiva,1990.
- PUCCINI, Sérgio.*Roteiro de Documentário*. Campinas,Papirus.2009.
- ROSENFELD, Denis(org.) *Ética e estética*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,2001.
- ROSENFELD, Kathrin H. *Poesia em tempo de prosa: T. S. Eliot & Charles Baudelaire*, São Paulo, Iluminuras, 1996.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo. Itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1981.
- SANTIAGO, Silviano. *Cosmopolitismo de pobre*.BeloHorizonte, Ed. UFMG/ Humanitas,2004.
- SARRYS, Andrew. *Notes on the author theory in 1962*. New York , In: Film Culture, 1962.STAM, Robert e SHOHAT, Ella. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo , CosacNaify,2006.
- STAM, Robert. O espetáculo interrompido. Paz e Terra, 1981.
- SYPPER, Wyle. Do rococó ao cubismo. São Paulo, Perspectiva,1995.
- TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo, Martins Fontes,1990.
- TONY,Rays(ed.)*Wong Kar Way on wong Kar Way*. Londres:Faber and Faber,2000.
- WÖLFFIN, Heinrich. *Renascimento e Barroco*. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo, Martins Fontes,1996.
- WOLFLEN, Peter. *Signos e significação em cinema*. São Paulo, Livro Horizonte, Lisboa, 1984.
- VACCHE, Angela Dalle. *Cinema and painting*.Austin, University of Texas Press,1996.

